

## Título: Acompanhamento terapêutico em grupo: uma leitura psicodramática

*“Eu descobri foi com GPS tem muito samba lá no meu pagode. Fim de tarde sexta feira lá no bairro Tibery, tem pagode no quintal e logo depois o futebol. Rola um samba bem maneiro faz mexer o corpo inteiro e as meninas vão dançando arrasando no molejo. Pablo e Fagner puxam o samba no pandeiro e Didio no rebolo vai botando o tempero. E o Cláudio vai na timba, Geraldinho é o curinga no vocal tudo de bom Marcelino sem perdão. Dizem as más línguas que o GPS vive na corda bamba ...quá quaracacá.... Eu só sei que o seu samba é de bamba.”*

*Denise Decarlos*

Exatamente como disse este samba de minha autoria, o Gps - Grupo de Pagode e samba, nasceu num quintal do bairro Tibery, em Uberlândia, toda sexta à tarde. Logo depois tinha o futebol, que era a oficina do Renato, psiquiatra da instituição. Uma experiência vivida e construída no Caps AD da Prefeitura Municipal de Uberlândia, a partir de uma oficina de música. Que pulou o muro, e foi por aí tocar samba como se “Fossem ciganos a levantar poeira. A misturar nas patas Terras de outras terras, ares de outras matas...” como disse Luli/Lucina na canção Bandoleiro, e imortalizada na voz de Ney Mato Grosso.

Durante o ano de 2009 no CAPS AD II da PMU a convite da coordenadora do serviço (Elaine Bordini Villar), que apoiou e muito contribuiu para este trabalho. Desenvolvi como voluntária as oficinas de expressão musical junto aos pacientes que ali se encontravam em tratamento. Elas aconteciam quinzenalmente nas tardes de sexta-feira. Utilizei o teatro espontâneo e a psicomúsica como dispositivos que fundamentaram este fazer. A cada encontro um grupo diferente, com começo, meio e fim. Não se deu como um grupo processual. Então comecei a pensá-los como atos. Atos psicodramáticos musicais, assim como propôs Moreno:

*“... assim como o teatro, na forma de psicodrama, também a música, na forma de psicomúsica, pode tornar-se uma função ativa para todo e qualquer homem, em sua vida cotidiana.”*

*“Existem duas formas de psicomúsica: a forma orgânica – os instrumentos são eliminados, o organismo converte-se, isoladamente ou em grupos, no único agente psicodramático. E a forma instrumental – os instrumentos são reintroduzidos, mas como funções e extensões da espontaneidade musical que o organismo humano é capaz de reproduzir, não como donos e conservadores dessa espontaneidade.”*

Ainda citando Moreno, a psicomúsica é um ato psicodramático que possibilita ao indivíduo viver a experiência musical como em seus primórdios. Em sua primeira parte, usar o próprio corpo como instrumento original, explorar sua potência musical e suas tessituras. Sem a intenção de substituir a música-técnica profissional. Mas, utilizar a música, os instrumentos como uma extensão da espontaneidade musical

que o corpo humano pode criar, e vivenciar estas experimentações como catarse integradora. (MORENO, 1997, p 334).

Marta Figueiredo Valongo em seu artigo *Psicomúsica* ressalta que “a contribuição de Moreno no campo da psicomúsica abriu caminhos significativos do ponto de vista da compreensão do ato criador e do processo de criação”. (VALONGO, 1993, p 159).

Busquei também na teoria socionômica o respaldo teórico para realizar a leitura grupal, perceber os seus protagonismos, as escolhas que vão delineando suas relações grupais, bem como suas reverberações. À medida que as oficinas aconteciam, minha percepção dos usuários e do próprio serviço ampliava. Houve uma familiarização com os participantes das oficinas, ampliando assim meu conhecimento sobre suas histórias, o que proporcionou o desenvolvimento da relação e a potencialização do vínculo de cuidado com alguns usuários do serviço. Assim pude compartilhar com a equipe do Caps ad o que observara desses encontros.

Outro aporte usado pra enfrentar as questões que se impunham a esta mistura, psicologia/ música, veio do conceito de transdisciplinaridade. O artigo 14 da CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE, redigida por Lima de Freitas, Edgar Morin, Basarab Nicolescu no Convento de Arrábida, Portugal, (Novembro de 1994) diz:

*“Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da visão transdisciplinar. O rigor da argumentação que leva em conta todos os dados é o agente protetor contra todos os possíveis desvios. A abertura pressupõe a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito a ideias e verdades diferentes das nossas”.*

Outro apoio que busquei para fundamentar as oficinas foi à reflexão de Guattari sobre a transversalidade, e também a relação de vizinhança que há nesses dois conceitos, transdisciplinaridade e transversalidade. “É nesse sentido que o conceito de transversalidade de Félix Guattari amplia a discussão, evidenciando os movimentos transversais do rizoma, mobilidade que aponta para o reconhecimento da produção da multiplicidade, para a atenção à diferença e à diferenciação.” (QUEIROZ MATIAS, 2008).

Em 2010 o cenário muda. Integrei-me à equipe da instituição como psicóloga. Além da oficina de música e o teatro espontâneo, pude desenvolver os grupos terapêuticos e o que chamei na época oficinas de recursos expressivos. Então pude contar com a processualidade, a continuidade tanto para as práticas lá desenvolvidas, quanto para as análises clínicas e institucionais. Acoplei às oficinas terapêuticas, tecnologia bem difundida no campo da psicologia e clínica ampliada, conhecimentos da arte terapia e recursos adquiridos em laboratórios de expressões que participei.

Como dizia Oswaldo, amigo e colega de equipe, “os acontecimentos desta clínica ad tem a velocidade da pedra”, e agora digo eu, para o bem e para o mal. Nesta altura já não era mais eu, e sim nós, mesmo com os percalços, uma forte equipe. Cabe aqui uma contextualização: a instituição vivia um processo de implantação

do serviço de caps 24hs, e tb imprimia ao seu fazer os preceitos da redução de danos. O cotidiano institucional ad nos assolava como ondas desterritorializantes, e para dar conta delas só montando uma maquinaria: supervisão institucional, futebol, oficina de bijuteria arte, música, teatro, grupos terapêuticos, festas, reuniões de equipe, assembléias, enfrentamentos, os orixás e tudo mais que pudesse auxiliar. Os usuários iam aderindo às oficinas e aos grupos de acordo com suas necessidades e desejos, mesmo que os quiséssemos controlar.

Como era de se esperar as oficinas de música produziam ruídos, e essas ondas difíceis de cercar, acho que só com vácuo. As primeiras apresentações foram com os irmãos de Araguari, músicos experientes que alegravam as sextas-feiras, Uai Tibery, caps I e outros eventos da Saúde Mental. Outros pacientes se aproximavam e o pagode no quintal começou a surgir, entre os espaços de uma atividade e outra. Como disse a poetiza, “...nas frinchas, como a força da raiz que quebra o chão...”, e claro, na própria oficina. O samba foi gênero que surgiu. Achava que era por conta dos instrumentos que tínhamos. Hoje penso diferente, ouvindo a música Dikika, do compositor Guimes Rodrigues Filho, que num verso canta “Brasil a África te pariu” o samba era inevitável, a expressão da própria cultura. Não tínhamos na veia só crack, o álcool, a maconha, cocaína e etc... Mas também o samba, a alegria, a força que vem dele e nossas próprias necessidades. Assim o GPS se constituiu, os componentes foram tomando seus papéis, buscando seus instrumentos, e a mim coube o cavaco. Agora sem modéstia um presente do GPS, um legado do samba, como nada vem sem custo, uma responsabilidade. O samba do GPS ganhou certo corpo, e com ele a simpatia não só dos outros pacientes e trabalhadores da saúde mental, mas na maioria dos locais que nos apresentávamos. Um tanto pela causa social que trazemos no bojo, mas também por pela própria força e desejo de que as coisas pudessem mudar.

No final de 2013 veio o projeto GPS Convida, uma fusão de muitos esforços, do próprio gps, caps ad, centro de convivência, oficina cultural e trilhas – equipes de acompanhantes terapêuticos. Parceria que reuniu a secretária de saúde e cultura do município e a iniciativa privada. Nesta realização ganhamos muita consistência musical, experiência de apresentação. Como disse a Aline Shwartz em um release que produziu para o GPS, tivemos o prazer de dividir o palco com artistas e músicos renomados de nossa cidade e região, tais como Medonha bateria do curso de Medicina, Eduardo Guerra França, Trio Façua, Rogério Motta e Paulinho 7 Cordas, Dikika e Jack Will, Grupo Tabinha, Edson Denizard, Grupo Viena Musical, Luiz de Láh e outros. A todos nossos agradecimentos, e a todas equipes e instituições que sustentaram este projeto e aos profissionais: Aline Schwartz, Deborah Roldão, Marisa Alves, Leandro Theodoro, Rogério Mota, Saulo Tavares redutor de danos. Tivemos a alegria de encontrar parceiros no centro de convivência Luciane, Tôchico, e outros que construíram conosco em muitos GPS convida. Estes encontros musicais levaram o GPS para lugares como: Vinil Cultura bar, Terreirão do Samba, “O Samba mandou me chamar na UFU”, todos locais fomentadores de cultura.

A ocupação não foi só do campo musical/artístico, mas também do território social, dos espaços de convivência que desfrutamos. E para além destes a ampliação de nossos espaços internos, psíquicos. Que

possibilitaram a muitos de nós experimentarmos um pouco da estabilidade do afeto e uma concretude do desejo. Aí entra em cena o Acompanhamento Terapêutico (AT), sua potência para a conectividade, ampliação, abertura. Retornando ao início, termino o verso da música de Luli/Lucina: “...Eu, bandoleiro, no meu cavalo alado, Na mão direita o fado Jogando sementes nos campos da mente...”

Esta tecnologia psi entra exatamente aí, no fértil campo do desejo, da vontade. A disponibilidade de acompanhar, ir junto, deixar-se levar, movimentar com o outro quase que à deriva, o permite enxergar suas possibilidades, e ver emergir seus quereres. Fui junto com o Gps, mergulhei, me misturava, saía. Às vezes, nem eu mesmo acreditava, um estava caído, mas outro segurava. A música começava e a conexão se estabelecia, a música era o amálgama.

A flexibilidade que possui o Acompanhamento Terapêutico e sua extensão permite ao acompanhante ganhar camuflagem, meio que ser camaleão. Ocupar lugares, auxiliar o acompanhado no desempenho papéis mais espontâneos e criativos, como propõe Moreno. Onde tinha maior trânsito eu tomava a frente, me colocava como apoio. Muitas vezes, outro companheiro tinha mais jogo de cintura no palco, com o “corre”. Só o fato de acreditar já era suficiente para o outro desabrochar, se reconectar. Outro recurso do AT é sua função de ego-auxiliar, já analisada por Scagliarini que ressalta “... a função de investigador social que atribui ao ego auxiliar, dentro do psicodrama, a dimensão de elo, de ponte entre o individual e o coletivo.” (2015, p 41).

Agarrávamos-nos ao samba, ele foi se constituindo o nosso projeto terapêutico. Essa experiência protagonizou no campo do acompanhamento terapêutico um acompanhamento grupal. Onde tínhamos como meta fazer o samba, manter os ensaios e cumprir a agenda de apresentações.

Todo este tempo de convivência, os encontros festivos, os ensaios, as diversas apresentações o projeto GPS convida, geraram minimamente uma agenda, tivemos que dar conta do recado. O at fica ao lado, dá continência física e psíquica, continuidade, aposta, suporta os porres, as dores, celebra junto as conquistas. Eventualmente lança mão de duplos e espelhos, como um ego auxiliar.

Neste percurso do GPS assistimos três de seus componentes conseguirem sair da rua e fixar residência. Uma mínima organização foi necessária para dar conta dos compromissos mensais que uma casa gera. Um deles conseguiu manter-se abstinente até hoje. Um bônus neste trabalho.

Há algum tempo, o GPS ficou de luto. Num destes ensaios esperamos, esperamos, mas o pandeiro não veio, foi com ele. Uma homenagem dos amigos GPS. Bravamente cumprimos uma mínima agenda no primeiro semestre de 2015, o que foi bom. O samba exige. Alguém já cantou “*é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte*”, mas ainda não deu. Seguimos em cada qual no seu canto em cada canto uma dor.

E como disse Moreno, “uma das realizações do psicodrama foi a remoção de toda a maquinaria da produção teatral – o autor, o ator, o equipamento cênico – e a devolução do drama ao indivíduo agente criador.” Talvez seja necessário potencializar a capacidade da espontaneidade criadora e acoplar novas máquinas a

outras máquinas, trilhar novos caminhos música, arte, desejo, necessidade, vontade, tecnologias psis, luta de classes...e muita fé na vida, fé no homem espontâneo e fé no devir...

#### Referências Bibliográficas:

MORENO, J.L. *Psicodrama*. SP: Cultrix, 1997.

SCAGLIARINI, Ana Paula Cordeiro. Quando o ego auxiliar se encontra com o acompanhante terapêutico no país da loucura. In: Nas trilhas do Acompanhamento Terapêutico, org FREITAS, de Ana Paula. Uberlândia. Composer, 2015.

QUEIROZ MATIAS, Virgínia Coeli Bueno de. A transversalidade e a construção de novas subjetividades pelo currículo escolar. In Currículo sem Fronteiras, v.8, n.1, pp.62-75, Jan/Jun 2008. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Núcleo de Psicanálise e Práticas Institucionais – NPPI- BH – MG

VALONGO, Figueiredo Marta. *Psicomúsica*, in Técnicas fundamentais do Psicodrama. org. Monteiro, Regina. Ed Brasiliense. 1993. SP.

RODRIGUES, Guimes Filho. *DIKIKÁ música do cd Banda Dikika*. Uberlândia, 2011.